



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**LILIANY ROBERTO TARGINO**

**IDENTIDADE E NACIONALISMO: UMA ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES  
INDÍGENAS EM *IRACEMA* E *MACUNAÍMA***

**CAJAZEIRAS - PB**

**2019**

**LILIANY ROBERTO TARGINO**

**IDENTIDADE E NACIONALISMO: UMA ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES INDÍGENAS  
EM *IRACEMA* E *MACUNAÍMA***

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de  
Formação de Professores da Universidade  
Federal de Campina Grande – *Campus* de  
Cajazeiras - como requisito de avaliação  
para obtenção do título de licenciado em  
Letras.**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Esp. Emanuella Pereira  
de Souza Dantas**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2019**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

T185i Targino, Liliany Roberto.  
Identidade e nacionalismo: uma análise das construções indígenas em  
Iracema e Macunaíma / Liliany Roberto Targino. - Cajazeiras, 2019.  
42f.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Esp. Emanuella Pereira de Souza Dantas.  
Monografia (Licenciatura em Letras - língua portuguesa) UFCG/CFP,  
2019.

1. Indígena. 2. Identidade. 3. Nacionalismo. 4. Modernismo. I. Dantas,  
Emanuella Pereira de Souza. II. Universidade Federal de Campina Grande.  
III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 82.09

**LILIANY ROBERTO TARGINO**

**IDENTIDADE E NACIONALISMO: UMA ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES  
INDÍGENAS EM IRACEMA E MACUNAÍMA**


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 12/12/2019

**Banca Examinadora:**



**Prof.<sup>a</sup> Esp. Emanuella Pereira de Souza Dantas  
(UAL/CFP/UFCG - Orientadora)**



**Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior  
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 1)**



**Prof. Me. José Carlos Redson  
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)**

*A Deus, autor da vida;*

*Ao meu esposo Erialdo, minha fonte de apoio;*

*Ao meu filho Francisco Gabriel, o motivo de  
minhas vitórias.*

PARA SEMPRE, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo dom da vida, e por ter me dado saúde e força para superar os obstáculos diários.

A meu esposo Erialdo, pelo carinho e companheirismo ao longo desses anos, sempre entendendo o motivo da minha ausência por 15 horas diárias.

A minha mãe, que sempre me deu forças para continuar quando, por inúmeras vezes, pensei em desistir por não aguentar o cansaço físico. E por ser meu suporte e meu exemplo de superação, sempre me incentivando com seu amor incondicional.

As minhas irmãs Brygida e Layse, por estarem dispostas a ajudar quando precisei.

Aos meus amigos e familiares de um modo geral, pelo incentivo, apoio e carinho.

A minha amada orientadora, Emanuella Souza, pela paciência e palavras de ânimo. Uma pessoa admirável, humana e de uma inteligência inigualável, na qual eu me inspiro como pessoa e profissional.

Aos professores da Unidade Acadêmica de Letras (UAL), pela dedicação e responsabilidade com que conduzem as aulas para formação acadêmica e profissional de seus alunos.

Aos coordenadores, secretário e secretária pelo pronto atendimento sempre que precisei.

*“O nome de outros filhos enobrece nossa província na política e na ciência; entre eles o meu, hoje apagado, quando o trazia brilhantemente aquele que primeiro o criou.”*

**(Alencar, 2000)**

## RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar as obras *Iracema* e *Macunaíma* com foco na construção do indígena. Para tanto, elaborou-se uma base teórica que delimita a identidade nacional nos personagens indígenas Iracema e Macunaíma. De início fez-se um levantamento quanto a ligação entre o Romantismo e o nacionalismo, tendo como suporte os autores Coutinho (2004) e Candido (2012). Em seguida, foi dada ênfase ao nacionalismo moderno com o apoio dos autores Castello (2004) e Helena (1995), sem desmerecer os demais autores que seguem estas vertentes. Logo após, procurou-se elencar como a identidade e o nacionalismo fazem-se presentes em José de Alencar e Mário de Andrade e finalização com a análise das obras *Iracema* e *Macunaíma* diante da construção da figura identitária e nacional. Esta é uma pesquisa documental de abordagem qualitativa. O resultado da análise foi que em ambas as obras existem a presença tanto do identitário como do nacional, mas de formas distintas. *Iracema*, de José de Alencar parece amenizar a visão do colonizador e exaltar o heroísmo da figura indígena. *Macunaíma*, Mário de Andrade, mesmo admirando a obra alencarina, decide criticar o ufanismo e mostrar o brasileiro com toda sua diversidade cultural e com seus defeitos. A partir desse resultado, considerou-se que é de suma importância o respeito a forma e a ideologia de cada autor pois mesmo como opiniões diferentes eles exaltam sua pátria.

**Palavras-chave:** Indígena. Identidade. Nacionalismo. Modernismo.



## ABSTRACT

The present work aims to analyze the Works *Iracema* and *Macunaíma* focused on the construction of the indigenous. Therefore, a theoretical basis was elaborated that delimits the national identity in the indigenous characters *Iracema* and *Macunaíma*. Initially there was a survey on the link between Romanticism and Nationalism supported by authors Coutinho (2004) and Candido (2012). Then, emphasis was given to modern nationalism with the support of the authors Castello (2004) and Helena (1995), without unworthy the other authors who follow these strands. Soon after, we sought to list how identity and nationalism are present in José de Alencar and Mário de Andrade and conclude with the analysis of the works *Iracema* and *Macunaíma* before the construction of the identity and national figure. This is a documentary research with a quantitative and qualitative approach. The result of the analysis was that in both works there is both the identity and the national presence, but in different ways. *Iracema*, by José de Alencar seems to soften the colonizer's vision and exalt the heroism of the indigenous figure. *Macunaíma*, Mário de Andrade, even admiring the work of Alencarina, decides to criticize ufanism and show the Brazilian with all its cultural diversity and its with your defects. From this result, it was considered that it is of utmost importance to respect the form and ideology of each author because even as different opinions they extol their country.

**Keywords:** Indigenous. Identity. Nationalism. Modernism.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO .....</b>	<b>8</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 IDENTIDADE NACIONAL .....</b>	<b>13</b>
2.1 IDENTIDADE E NACIONALISMO .....	14
2.2 NACIONALISMO ROMÂNTICO.....	15
2.3 NACIONALISMO MODERNO .....	21
<b>3 IDENTIDADE E NACIONALISMO EM JOSÉ DE ALENCAR E MÁRIO DE ANDRADE.....</b>	<b>25</b>
<b>4 A CONSTRUÇÃO DA FIGURA IDENTITÁRIA E NACIONAL EM <i>IRACEMA</i> E <i>MACUNAÍMA</i>.....</b>	<b>36</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES .....</b>	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura brasileira teve momentos bem distintos durante sua constituição, não sendo diferente no Romantismo com uma idealização exagerada da figura indígena e de toda composição nacional. Algo que também pode ser visto em obras do Modernismo, mas com um tratamento do indígena totalmente contrário ao outro movimento. Dessa forma, surgiu o desejo de pesquisar e buscar o porquê das obras como *Iracema* e *Macunaíma* divergirem tanto na sua construção. Apesar de ambas mostrarem a edificação da nação brasileira através de personagens indígenas, em *Macunaíma* ocorre a crítica com relação a idealização exagerada dos povos aborígenes. Mário de Andrade mostra um ser totalmente sem caráter, evidenciando quem o brasileiro é, segundo ele, na sua essência.

O presente trabalho originou-se do interesse em entender o nacionalismo e a identidade como um todo, agindo como veias que ligam e inter-relacionam dois movimentos literários que ocorrem em momentos diferentes. Apesar de José de Alencar e Mário de Andrade terem o desejo de retomar acontecimentos importantes para o organismo nacional, como um todo, agem de formas diferentes ao tratarem construir a identidade nacional nas personagens *Iracema* e *Macunaíma*.

Ainda quando criança sempre tive a curiosidade de observar imagens de livros e fotos que destacassem a figura do índio e isso foi tornando-se um fascínio. Não sei se isso tudo começou com a admiração pela cultura indígena ou pelo fato de alguns familiares confirmarem que tenho sangue indígena em minhas veias. Com isso, foi chegando a adolescência e em sala de aula descobri a obra *Iracema* e todos seus adjetivos engrandecedores. Já na Universidade, me vejo diante desta magnífica obra apresentada por uma colega de sala, nas aulas da Disciplina de Literatura Brasileira ministrada por Maria de Lourdes Dionísio. Já na disciplina de Literatura Brasileira IV, com a professora Emanuella Souza conheci a obra *Macunaíma* e percebi que há uma diferença entre a visão e construção do indígena em ambas.

Sob esse viés, a pesquisa teve o objetivo de compreender a construção da figura indígena *Iracema* e *Macunaíma*, destacando a influência do Romantismo na criação de uma identidade nacional. Como também, identificar como ocorre a retomada do nacional no período modernista. Assim, explicar como ocorre a edificação das personagens nas obras *Iracema* e *Macunaíma* e comparar o índio em ambas.

Diante do questionamento tão interno que se tem sobre a identidade nacional podemos levantar a seguinte hipótese: a construção de uma personagem em obra literária

depende muito do contexto vivenciado pelo autor e também da ideologia defendida pela corrente na qual esse se insere. No caso de *Iracema*, a personagem surge durante a fase do Romantismo, em que o índio é idealizado e a nação é aclamada. Totalmente adverso ao indianismo tem-se *Macunaíma*, uma personagem do Modernismo na qual seu autor procura criticar a idealização do índio, trazendo na personagem principal uma criatura que representa tudo o que uma nação pode ter de vergonhoso.

Nesse sentido, observa-se a relevância deste estudo para os meios sociais, históricos e educacionais, pois é mais um, entre tantos, podendo contribuir para a compreensão da formação da sociedade brasileira, a partir do processo de colonização e da participação do índio.

A procura constante pela idealização da pátria e de seu povo fez com que autores, como José de Alencar, edificassem obras que mostram a beleza e o caráter das personagens de forma distorcida da realidade. Já Mário de Andrade procurou mostrar, de forma irônica, quem somos, seres que, desde os primeiros descendentes, já se mostravam sem caráter algum.

De acordo com Rêgo (2004), a identidade é algo que deveria estar no imaginário de toda pessoa e não precisaria ser questionada. Sendo assim, cada um assimila este conceito através de processos conscientes e inconscientes, com experiências vivenciadas e culturais.

A identidade deveria estar presente no imaginário das pessoas, mas poucos a distinguem e a questionam. [...] A identidade [...] é introjetada e assimilada através de processos culturais conscientes e inconscientes. Ela é assimilada pelos sujeitos ao longo de suas experiências vivenciadas e culturais (RÊGO, 2004, p. 91).

Nessa perspectiva, é imprescindível avaliar que a colonização foi, e ainda é algo que acontece em todo o mundo de forma avassaladora, tomando dos colonizados até mesmo a possibilidade de expressar seu sentimento de nacionalidade e identidade, presente em cada ser pensante e consciente de seu lugar de origem. O sociólogo e filósofo polonês Bauman (2005) conceitua identidade nacional como diferente dos demais tipos de identidade, sendo uma forma de direito monopolista que tem a função de separar em nós e eles.

A identidade nacional, permite-me acrescentar, nunca foi como as outras identidades. Diferentemente delas, que não exigiam adesão inequívoca e fidelidade exclusiva, a identidade nacional não reconhecia competidores, muito menos opositores. [...] À falta de monopólio, os Estados tentaram

assumir a incontestável posição de supremas cortes passando sentenças vinculadas e sem apelação sobre as reivindicações de identidades litigantes (BAUMAN, 2005, p. 28).

A pesquisa cunhou-se sob a perspectiva bibliográfica, tendo como base autores que já fazem críticas sobre a identidade nacional como Castello (2004a, 2004b), Coutinho (2004), Bosi (2006a, 2006b) e Candido (2012); para tratar da identidade nacional foram utilizados Bernd (2003), Rêgo (2004). Com relação aos conhecimentos históricos e culturais dos períodos do Romantismo e Modernismo, na parte filosófica e sociólogo, é utilizado o autor Bauman (2005) e os autores das obras analisadas Alencar (2000) e Andrade (2017). Este trabalho está dividido na seguinte forma: o Capítulo 2, denominado *Identidade nacional* é destinado a tentativa de mostrar qual a diferença entre identidade e nacionalismo, nessa parte há subdivisões, denominadas em: 2.1 *Identidade e Nacionalismo* que trata da construção da identidade no movimento romancista; 2.2 *Nacionalismo Romântico* em que se mostra o nacionalismo já na forma romântica e a última parte 2.3 *Nacionalismo Moderno* em que se destaca o nacionalismo retratado nas obras durante o Modernismo; o Capítulo 3, *Identidade e nacionalismo em José de Alencar e Mário de Andrade* mostra como acontece a construção das personagens indígenas Iracema e Macunaíma nas obras homônimas a elas; no Capítulo 4, intitulado *A construção da figura identitária e nacional em Iracema e Macunaíma* é discutido a identidade nacional em ambas.

## 2 IDENTIDADE NACIONAL

Bernd (2003) ressalta que há diferença entre identidade e conquista de caráter nacional, já que não existe um caráter ou uma essência nacional. Devemos tratar a identidade de um país como um processo de deslocamento e não como meio para explicar todo um processo de existência de determinadas raças, ou a produção de objetos culturais.

Ainda de acordo com Ricoeur (1985 *apud* BERND, 2003), a narrativa é uma forma de identidade. Pois ao narrar uma história, seja em coletividade ou um indivíduo, podemos extrair a sua essência.

Identidade não poderia ter outra forma do que a narrativa, pois definir-se é, em última análise, narrar. Uma coletividade ou um indivíduo se definiria, portanto, através de histórias que ela narra a si mesma sobre si mesma e, destas narrativas, poder-se-ia extrair a própria essência da definição implícita na qual esta coletividade se encontra (BERND, 2003, p.19).

Assim, a construção da identidade não pode deixar de lado nem a narrativa e nem a leitura. No estudo da formação das literaturas nacionais Edouard Glissant (1981 *apud* BERND, 2003) caracteriza duas funções da literatura. Quando ocorre a desmontagem de um dado e expõe-se o místico é chamado de função de dessacralização. E quando acontece a junção de seus mitos, crenças, imaginários ou ideologias chamamos de função de sacralização.

Um exemplo da função sacralizante ocorre quando a literatura assume a missão de articular o projeto nacional, fazendo ressurgir os mitos fundadores e recuperar sua memória coletiva. No Brasil, podemos destacar o Romantismo que revolucionou a literatura ao dar um caráter nacional, agindo como força sacralizante.

Nesse sentido, a literatura brasileira começa a apesar recentemente, não ainda de forma correta, associando a retomada do mito como constante desmistificação. Como nos romances de João Ubaldo Ribeiro e de Darcy Ribeiro que mostram a retomada da desmistificação e o redescobrimento de uma memória coletiva, através de uma diversidade de textos.

É importante ressaltar o processo contínuo de identificação num contexto colonial e pós-colonial. Algo que não aconteceu nos primeiros textos sobre as Américas, tendo como características comuns omitir a identidade dos autóctones, a negatividade, criando uma matriz identitária regada pela omissão e pela privação.

Com a omissão e a visão etnocêntrica dos primeiros europeus que viajaram pelo Novo Mundo, a identidade construída foi à imagem e semelhança dos colonizadores. Porém, causa estranhamento, a falta de representatividade do indígena. Isso reflete hoje na nossa leitura e constatação da ausência da figura do índio. Os nativos da América são descritos primeiramente por Cristóvão nos diários de bordo. A beleza e exuberância da América seduziu seu descobridor, mas expressou-se um sentimento ambíguo em relação aos habitantes.

Primordialmente, o Romantismo foi o primeiro movimento literário, no Brasil, com raízes fincadas no solo e na realidade nacional. Além de ser a partir desse que o Brasil começa a ter uma literatura própria, no conteúdo e na forma. O movimento romancista tirou do solo nacional força e sua unidade. A partir da união da imaginação romântica com as realidades da vida brasileira. “Ao conciliar a imaginação romântica e as realidades da vida brasileira, na metade do século, o movimento criou um sistema de pensamento radicado no solo nativo, de onde retirou sua força e sua unidade” (COUTINHO, 2004, p. 30).

## **2.1 Identidade e nacionalismo**

De acordo com Coutinho (2004), o Romantismo valorizou a exaltação do passado e o nacionalismo. Ao retratar, durante a fase indianista, o nativo como um herói medieval, e assim, o índio, personagem das obras românticas, tornou-se um herói nacional.

Em primeira análise, o autor José de Alencar incita o movimento de renovação em suas obras, destacando a necessidade de adaptação dos moldes estrangeiros ao Brasil, não como simples imitação, mas em defesa dos temas brasileiros, principalmente o indígena, o que se tornou para a literatura expressão da nacionalidade, ao exaltar a natureza e a paisagem física e social desta colônia, como indispensável ao descritivismo romântico.

Coutinho (2004) continua, fala sobre o segundo movimento do Romantismo e diz que os laços que unem o passado do Classicismo e o presente luso formam um grupo bem diferente do anterior, pois nas obras de Alencar destacam-se a descrição do selvagem que simboliza contra os vestígios do português. Nos quais recebem influência de Chateaubriand, Fenimore, Cooper, Walter Scott, Eugene Sue e Balzac.

Segundo o autor, o nacionalismo está ligado ao indianismo. Para o nativismo brasileiro, o índio tornou-se símbolo de independência espiritual, político, social e literário.

O nacionalismo romântico assumiu um caráter muito próprio no Brasil, sob a forma do indianismo. Casando a doutrina de “bom selvagem” de Rousseau com as tendências lusófonas, o nativismo brasileiro encontrou no índio sua civilização um símbolo de independência espiritual, social e literária (COUTINHO, 2004, p. 24).

Na linguagem, o movimento romântico desempenhou papel revolucionário em Alencar. Ao reivindicar os direitos ao dialeto brasileiro, com suas peculiaridades da fala popular. E assim, o Romantismo com suas ousadias e liberdades de forma, na censura, na prosódia mostrou a libertação dos clássicos portugueses, ao aproximar a língua falada da escrita, e a língua coloquial da literária.

## 2.2 Nacionalismo romântico

Candido (2012) fala sobre a fase da literatura independente no Brasil, como também da vontade dos escritores do Romantismo em mostrar em seus temas, problemas e sentimentos desta jovem nação. Isso porque, enquanto o Classicismo terminou em assinalado à colônia, o Romantismo assinala a Independência, além de ressaltar que o episódio do Romantismo no Brasil serviu de base para a tomada de consciência do nacional. O autor destaca ainda, a contribuição dos estrangeiros ao distinguir a literatura feita pelos portugueses da literatura dos brasileiros, já que o Brasil era nação, deveria possuir sua literatura nacional.

Outro ponto tratado por Candido (2012) é a questão da independência como fator de importância para desenvolvimento da ideia romântica, contrário as análogas do Arcadismo, três fatores podem provar isto: primeiro, desejo de exprimir a nova ordem de sentimento; segundo, criar uma literatura independente; terceiro e último, na nação a atividade intelectual não só como prova de valor brasileiro e esclarecimento mental, mas sim como tarefa patriótica na construção nacional.

A Independência importa de maneira decisiva no desenvolvimento da ideia romântica, para a qual contribui pelo menos com três elementos que se podem considerar como redefinição de posições análogas do Arcadismo: a) desejo de exprimir uma nova ordem de sentimentos, agora reputados de primeiro plano, como orgulho patriótico, extensão do antigo nativo; b) desejo de criar uma *literatura* independente, diversa, não apenas uma literatura [...]; c) a noção referida de atividade intelectual não mais apenas como prova de valor do brasileiro e esclarecimento mental



do país, mas tarefa patriótica na construção nacional (CANDIDO, 2012, p. 329, grifo do autor).

As manifestações do Romantismo se enquadram no nacionalismo brasileiro, o movimento romântico canarinho foi tributário do compatriota, pois, este desejo do pátrio animou os escritores, chamando assim de despertar do nativo, que influenciou outros países que lutavam pela independência. Tendo em vista que, o nacionalismo foi um movimento de vida, descrevendo costumes, paisagens, fatos, pensamentos repletos de sentimentos conterrâneos era uma libertação do clássico, do universal.

O autor reconhece o indianismo como à primeira forma legítima nacional, já que é um momento de exaltação da natureza, dos costumes e crenças dos povos que habitavam a nação brasileira. Porém, alguns escritores passaram a ver este tipo de literatura como inviável, “mas a forma reputada mais legítima de literatura foi, desde logo, o Indianismo, que teve o momento áureo do meado do decênio de 1840 ao decênio de 1860, decaindo a partir daí até que os escritores se convencessem da sua inviabilidade” (CANDIDO, 2012, p. 336). O indianismo que pertence a uma corrente literária bem maior, o Romantismo.

Segundo Bosi (2006), o movimento romântico é a soma das partes: gênese e explicação. O amor e a pátria, a natureza e a religião, o povo e o passado, que ganham destaque tantas vezes na poesia romântica.

O romance romântico brasileiro era restrito a um grupo menor que o atual: moços e moças provindos das altas classes, profissionais liberais da corte ou dispersos pelas províncias. Eram leituras para o entretenimento. E assim, nascia o gosto pela auto-idealização.

O romance romântico brasileiro dirigia-se a um público mais restrito do que o atual: eram moços e moças provindos das classes altas, e, excepcionalmente, médias; eram os profissionais liberais da corte ou dispersos pelas províncias: eram, enfim, um tipo de leitor à procura de *entretenimento*, que não percebia muito bem a diferença de grau entre Macedo e um Alencar urbano.[...] À medida que os nossos narradores iam aclimando à paisagem e ao meio nacional os esquemas de surpresa e de fim feliz dos modelos europeus, o mesmo público acrescia ao prazer da urdidura o do reconhecimento ou da auto-idealização. (BOSI, 2006, p. 128-129)

José de Alencar, ainda na juventude, cursando direito em São Paulo, fazia leitura de obras de autores franceses como Balzac, Dumas, Vign, Chateaubriand e Victor Hugo. E é através destas leituras que Alencar irá usar como base para seus romances. E assim, retoma

lembranças de sua infância e adolescência em viagens pelo Brasil (ALENCAR, 2005, p. 41).

A escola francesa, que eu então estudava nesses mestres da moderna literatura, achava-me preparado para ela. O molde do romance, qual mo havia revelado por mera casualidade aquele arrojo de criança a tecer uma novela com fios de uma ventura real, fui encontrá-lo fundido com a elegância e beleza que jamais lhe poderia dar.

Segundo Castello (2004a), o autor consagrado pelo Romantismo, José de Alencar surgiu no período em que Gonçalves de Magalhães lidera a reforma romântica, em 1846 com *Suspiros poéticos e Saudades*, obra que inaugura o Romantismo no Brasil. Apesar disso, a literatura romântica não queria alimentar fantasmas e cessar elogios fáceis. Em suma, o objetivo deste movimento era alimentar a consciência crítica interna. Com o aparecimento de apoiadores de Gonçalves Magalhães surgem com eles a polêmica com razão ao estudo do indianismo como ideologia e poética romântica.

A visualização do índio precisava fazer parte deste movimento. Entretanto, não como são apresentados nos primeiros documentos. Como destaca Bernd (2003), os ameríndios são caracterizados pela falta de evangelização, de civilização, de bens, negando sua alteridade. Na carta enviada por Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, D. Manuel, em 1500, mais uma vez os indígenas são duramente rebaixados de forma bem negativa quanto as suas vestimentas e sua linguagem.

De acordo com Bernd (2003) podemos citar as narrativas de Pizarro e Côrtes que justificam as atrocidades cometidas contra índios e negros, tanto ao descrever os povos da América do Sul como sem rei, sem lei e sem fé, como de forma racista através de uma visão etnocêntrica que dividia o mundo entre civilizados e bárbaros. Algo infelizmente “pregado” até os dias atuais.

Mesmo de forma privativa, a caracterização dos habitantes da América pelos europeus, teve início com as primeiras matrizes textuais, e a partir destes escritos que tiveram início as reivindicações de outras matrizes identitárias e a reapropriação da condição de sujeito e da cultura.

O primeiro passo dos colonizadores foi usar o nomadismo circular dos índios como uma prova do primitivismo dos americanos, assim eles utilizaram a estratégia de fixar os índios. O segundo passo, foi aniquilar as identidades, dando novos nomes às coisas e as

pessoas, além de obrigá-los a participar de outra religião e falar outra língua. Os conquistadores acreditavam que os índios não sabiam falar.

O processo da construção da identidade nas Américas teve a intenção de dar respostas ao processo de colonização aniquiladora. A identidade será, a princípio, uma resposta ao colonizador, no entanto, há uma limitação, pois, as identidades buscam uma pureza original que não é mais possível.

Assim a construção do identitário brasileiro fez um levantamento sobre como a literatura autóctone é um processo com diversas etapas que tem início com as transformações dos escritos considerados manifestações literárias, ao processo de formação em objeto de estudo e de saber.

Retraçar a história da literatura brasileira corresponde a identificar etapas sucessivas que vão do reconhecimento dos primeiros escritos como manifestações literárias, ao processo de constituição dessas manifestações em literatura nacional, até a sua transformação em objeto de estudo e de saber (BERND, 2003, p. 43-44).

Como nos gêneros épicos que descreviam acontecimentos históricos fundadores, com destaque para os heróis elevados, no Brasil a literatura cria um substrato capaz de concentrar os membros da comunidade que se formava.

Segundo Bernd (2003), são exemplos desta criação do substrato dois poemas que são considerados épicos brasileiros. O Uruguai (1769), de José Basílio da Gama, e Caramuru (1781), de Santa Rita Durão. Obras que tem o objetivo de exaltar os feitos dos conquistadores, tanto celebram a geografia americana como ao eleger a paisagem como personagem principal. No entanto, aconteceu o inverso, inconscientemente os poetas descrevem a terra americana como elemento cênico, conforme os cânones da época tradicional.

Em o Uruguai é perceptível a consciência de nacionalidade. O mítico da natureza na matéria épica. Como fica claro em Silva (1987 *apud* BERND 2003, p. 45) “[...] apelando para o maravilhoso nativo integra na perspectiva indígena a brasilidade e põe em cena o colonizador como herói”. Sendo assim, o projeto épico do século XVIII deixou-se seduzir ao imaginário do Novo Mundo.

A consciência de nacionalidade acaba tornando-se ambígua, pois, ao mesmo tempo que é exaltado os valores do colonizador temos a glorificação do país. Um interesse muito forte pelos nativos, como é ressaltado no artigo “Literatura e consciência nacional” do

autor Candido (1969 *apud* BERND, 2003, p. 46) “[...] interessando-se estética e humanamente pelos nativos”.

A literatura brasileira é marcada pela hibridização que tem início nos primeiros momentos até a sua formação e nas obras de José de Alencar, com o Romantismo, temos uma “gestação lenta do povo”. A obra de José de Alencar mostra as raízes, os mitos fundadores e as genealogias. Na produção romântica temos Alencar como testemunha de movimentos recíprocos de aculturação tanto dos índios como dos brancos. Alencar, em um elevado projeto de escritura, reconstituiu a construção da nacionalidade brasileira. Com alicerces nos tipos formadores da nação brasileira, deixa-se impregnar com características românticas da época. Estes concebidos como heróis de sua época. Porém, deixa de fora o negro nesse plano como outros escritores do século XVIII, os personagens retratados foram o sertanejo, o gaúcho, o índio, o bandeirante, como também o colonizador.

O discurso criado em torno do índio como símbolo da nacionalidade, no século XVIII, teve na obra alencarina o reforço, o autóctone como antepassado mítico, até mesmo com herói epônimo, como diz Bernd (2003, p. 51):

A dinâmica discursiva baseada no índio como símbolo da nacionalidade, criada no século XVIII, foi reforçada na obra alencarina que erigiu o autóctone como antepassado mítico, como herói epônimo, o qual possuía a extraordinária vantagem, de não ter manchas, como refere Antonio Candido, por ter sido abolida a escravidão do índio desde o século XVII.

Candido (1969 *apud* BERND, 2003) afirma que com José de Alencar e Gonçalves de Magalhães está criada a literatura nacional e a livre manifestação de “gênio brasileiro”. Como o próprio Alencar confirma no prefácio do romance de sua autoria, *Sonhos d’ouro*, Alencar (1872 *apud* BERND, 2003) A literatura nacional é a alma da pátria, que chega na América por meio de transmigração, impregnando e enriquecendo com o contato com outros povos e outras civilizações.

Bernd (2003), recorre mais uma vez a Alencar ao citar a divisão de suas obras em três fases bem definidas, divididas em primitiva ou aborígine com sua composição em lendas e mitos indígenas e tem *Iracema* como exemplo. A coleção vai contar sobre o invasor em contato com terra americana, com a inserção de seus costumes e que tem como exemplos: *O guarani e Minas de Prata*; e por fim, a infância da literatura brasileira com *Tronco do ipê*, *Til* e *O gaúcho*.

José de Alencar começa seu projeto de organização da identidade nacional com *Iracema* (1857) e o *Guarani* (1865), localizando seus personagens no período da colonização. Com isso, ficam evidentes os primeiros choques entre a cultura do índio e a cultura do colonizador. Algo de grande destaque nestas obras de Alencar são os traços positivos atribuídos aos indígenas, além da exaltação ufanista pela natureza, deixando evidente a supervalorização do regional e do natural como uma forma de compensar a situação de atraso enfrentada pela nação brasileira. Como é destacado pelo autor:

A visão edênica e harmônica da vida nos primeiros tempos de atribuição de traços positivos aos indígenas, o ufanismo, que leva constantemente o autor à exaltação da natureza e do “bom selvagem”, se entrecruzam para dar gênese à narrativa, caracterizando uma consciência eufórica, na qual a supervalorização do regional e do natural compensa a situação de atraso da nação brasileira (BERND, 2003, p. 52).

Sem dúvidas, a obra de Alencar tem características que lembram as narrativas de viagem dos descobridores na Europa com início no século XVI. Desde a descrição do lado exótico dos povos como marginalizados, como um padrão criado pelos colonizadores e presente na obra de Alencar (século XIX), como uma forma justificar a ritualização presente nas narrativas de viagens nos séculos XVI e XVIII e nas obras de Alencar. E ainda temos o exotismo que deixa de lado a cor local e passa a ser descrita pela visão do colonizador.

Os índios possuem características que fascinam o colonizador por viverem em estado de natureza, uma sociedade em constante harmonia. Algo que vai estar presente na obra *Iracema* quando Alencar descreve a nação tabajara como um lugar de homens generosos e virgens de lábios de mel, homens destemidos e as praias perfeitas com areias como doces e rios repletos de peixes.

A produção alencariana teve uma construção baseada na dominação, e até mesmo recorre à literatura europeia como o mito do “*bom sauvage*”, idealizando a natureza, reencenando a visão nostálgica do passado em suas obras.

Susseking (1990 *apud* Bernd, 2003) mostra como Alencar é um narrador que busca o ponto de vista original, recorrendo ao ponto de vista histórico para tentar recontar a origem, o tempo primordial. Como fica claro nesta fala do autor.

De fato como observou Flora Susseking (1990), a figuração do narrador em Alencar caracteriza-se pela eleição do ponto de vista histórico – genésico, obcecado pela busca das origens, dos marcos inaugurais, das

fontes e das raízes. Assim, a perspectiva nostálgica não é alterada, percebendo-se, ao longo da narrativa, o desejo de reencontrar a origem, o tempo primordial (BERND, 2003, p. 54).

A fobia que caracterizou o estágio anterior a construção da identidade nacional deu lugar a hipervalorização da cultura do outro. Porém, nos romances indianistas de Alencar o que é hipervalorizado é aquilo no qual já não se encontra, algo decorrente da chegada dos colonizadores, mostrando uma gênese mítica da criação para os nossos ancestrais.

A morte de Iracema representa o confronto entre a América civilizada e a cultura autóctone como bárbara:

A morte de Iracema (anagrama de América) é simbólica da morte desta América mítica que sucumbe no confronto “civilização versus barbárie”, no qual supostamente a civilização foi representada pela cultura europeia e a barbárie pela cultura autóctone (BERND, 2003, p. 55).

### **2.3 Nacionalismo moderno**

O Modernismo foi um movimento que teve início no século XX, tendo influência europeia, com grandes dimensões em termos de novidade ao meio cultural no Brasil. No entanto, com tantas novidades acabou recebendo críticas do público nacional.

De acordo com Castello (2004b), o Modernismo é um movimento que corresponde a revisão e renovação da perspectiva histórica interna. Um período que se assemelha ao Romantismo em termo ser amplo e complexo. Como podemos ver, a época romântica corresponde a interregno de transição entre o colonialismo. Enquanto o modernismo constitui um movimento interregno de transição que tem a intenção de esclarecer as raízes nacionais, estabelecendo relações com o período histórico e com antecedentes internos, além das contribuições externas.

Ainda de acordo com Castello (2004b), o Modernismo dá continuidade ao trabalho realizado pelo Romantismo com relação a retomada de forma ampla da revisão geral do país, deixando claro a ligação enraizada entre ambos movimentos.

Modernismo, diremos que se revigoram as coordenadas que alimentam a unidade da Literatura Brasileira e, como se continuasse o Romantismo, amplia-se a revisão geral do país. Das idéias propugnadas, com raízes nos antecedentes imediatos do Modernismo (CASTELLO, 2004b, p. 93).

O autor Mário de Andrade foi um participante ativo do Modernismo. Desenvolveu atividades intelectuais e administrativas, abrangendo estudos e pesquisas em linguística, folclóricas, literárias, pintura, escultura, música e dança, tudo com intenção de defender o nosso patrimônio histórico e artístico. Sempre realizando um trabalho focado na visão total do Brasil. Um autor que escreveu muito sobre brasilidade, ou seja, sobre ideologia nacionalista, nos abre a possibilidade de compreender a literatura modernista em suas implicações do autor com o passado, suas e do momento, com suas obras. Sempre focado em dois campos divergentes de investigação, um específico que é a língua e outro bem mais amplo que é a brasilidade.

Para Helena (1995), a relação estabelecida entre o Modernismo e as vanguardas europeias é o nacionalismo. A leitura de obras da fase heróica entre 1920 e 1930 mostram inúmeras interpretações com relação ao significado de nacionalismo, naquele momento.

E esta divergência de entendimento vem desde antes a famosa Semana de Arte Moderna de 1922, pois havia uma tensão de forma direta ou indireta entre nacionalismo e a vanguarda. Estabelecemos contato com as vanguardas através de viagens de estudiosos e intelectuais para os Estados Unidos, como foi o caso de Anita Malfatti e de Vistor Brecheret ou por leituras. Textos circularam no Brasil com manifestos vanguardistas de forma distorcida, com maior ou menor adequação à realidade do país.

Desde os antecedentes da famosa Semana de Arte Moderna, de 1922, a tensão entre o nacionalismo e a vanguarda está presente de forma direta ou indireta. Contatos com as idéias e renovações da vanguarda europeia foram feitas entre nós realizados através de viagens de artistas e intelectuais, interessados em estudar na Europa e nos Estados Unidos – como foi o caso de Anita Malfatti e de Victor Brecheret –, ou foram provocados por leitura. Feita aqui mesmo, de textos e manifestos vanguardistas, divulgados com maior ou menor distorção, com maior ou menor adequação à realidade brasileira, dependendo do caso (HELENA, 1995, p. 9).

As correntes, mais conservadoras no sentido de que há uma verdade única e absoluta, católicas e espiritualistas entendem a fase nacionalista no Modernismo como um modismo nacionalista. Algo que indicou um retorno pouco crítico ao ufanismo entre outras consequências. Com esta retomada ao patriotismo, outras vertentes cobram a coesão nacional. E esta, em nosso país, costuma mostrar as dimensões sociais mais profundas e o poder nas mãos dos conservadores, valorizando a mística do pulso forte para alcançar o poder.

Apesar de existirem muitas críticas ao movimento modernista por beber da fonte da vanguarda europeia, o papel oswaldiano no Pau-brasil e da Antropofagia como vertentes que não são nem conservadoras e nem autoritárias na forma de interpretar o nacionalismo, sem a fissão de fase ufanista, e sim como algo frutífero e criativo das influências europeias em relação ao estilo fragmentário, no corte cinematográfico, no uso das palavras com liberdade, na crítica à sociedade burguesa, do emprego da técnica cubista, o *ready-made*, extraíndo apenas o efeito de não importado. Tudo isso provoca a discussão sobre a dependência colonizadora, principalmente no âmbito cultural, de que resulta uma releitura do aconteceu de fato durante a história, Mário de Andrade com a obra *Macunaíma* vem justamente de encontro a proposta oswaldiana, indicar a diferença entre o que é divulgado no rótulo primitivista, tanto na estética, na política, na cultura e finalmente destacar a tensão entre a visão refletida pela vanguarda e os rumos tomados pelo Brasil durante a República Nova e o Estado Novo.

Bosi (2006) diz que na obra *Macunaíma* ocorre a mediação entre o folclórico e o literário, e acontece através da visão de Freud e conseqüentemente uma corrente com abordagem psicanalítica dos mitos e dos costumes primitivos proporcionadas pelas teorias do Inocente e da mentalidade pré-lógica. O protagonista, “O herói sem nenhum caráter”, é um ser em transformação, mostrando os caminhos pelos quais passou e o prazer pelo medo, desde de o nascimento na selva amazônica e suas primeiras diabruras até sua chegada a São Paulo em busca de seu talismã que está com o gigante Venceslau Pietro Pietra. Macunaíma não consegue vencer o estrangeiro de forma natural recorre para a macumba, passando por diversas transformações cômicas, e entre tantas a última acontece no final da narrativa quando ele se transforma em um inglês e a cidade de São em bicho preguiça de pedra.

Em *Macunaíma*, a mediação entre o material folclórico e o tratamento literário moderno faz-se via Freud e consoante uma corrente de abordagem psicanalítica dos mitos e dos costumes primitivos que as teorias do Inocente e da “mentalidade pré-lógica” propiciaram. O protagonista, “herói sem nenhum caráter”, é uma espécie de barro vital, ainda amorfo, a que o prazer pelo medo vão mostrando os caminhos a seguir, desde o nascimento em plena selva amazônica e as primeiras diabruras gluttonas e sensuais, até a chegada à São Paulo moderna em busca do talismã que o gigante Venceslau Pietro Pietra havia furtado. Não podendo vencer o estrangeiro por processos normais, Macunaíma apela para a macumba [...]. Há transformações cômicas, nascidas da agressividade do instinto contra a técnica: Macunaíma transforma um



inglês da cidade de London Bank e toda São Paulo em um imenso bicho-preguiça de pedra (BOSI, 2006, p. 354).

Com a transformação da personagem, Macunaíma, em um inglês é perceptível mais vez a crítica do autor ao estrangeiro para com o brasileiro. Quando ocorre a transformação dele em inglês é uma crítica ao estrangeirismo e São Paulo representa toda a nação brasileira a partir da visão do restante do mundo.

Coutinho (2004) retrata o personagem Macunaíma configurado com pedaços do Brasil. Mário de Andrade reuni traços do mulatismo e do indianismo numa personagem que transparece o selvático e o fuzarqueiro em um livro com um acúmulo desproporcional de lendas, superstições, frases feitas, provérbios e modismo de linguagem de forma sistematizada e intencional, como um triângulo colorido os pedaços parecem mostrar em conjunto a paisagem do Brasil.

Para Coutinho (2004), Macunaíma representa uma personificação do jovem brasileiro repleto de falta de caráter, ignorante de todas as ideologias e culturas, deixando de lado todos os costumes de todas as raças que o compõe.

Mário de Andrade deixa transparecer em Macunaíma ser um autor folclórico e em carta a Manuel Bandeira revela este detalhe ao afirmar que o livro não tem uma sequência lógica. Macunaíma acaba sendo uma contradição de si mesmo. Já que o que ele mostra em um capítulo desfaz em outro.

A obra *Macunaíma* não é apresentada como romance, mas como rapsódia em um poema-herói-cômico, mostrando um único autor, algo que poderia ser em coletividade, já que sua técnica de construção é a utilizada pelo povo.

Com relação à linguagem em *Macunaíma*, Coutinho (2004) caracteriza como um jogo de espírito, colorida e fictícia, utilizando todos os modismos e linguajares naturais de todas localidades do Brasil. Coutinho (2006, p. 293) antecipa uma língua futura:

A língua que configura a experiência de Macunaíma é um “jogo do espírito”, uma espécie de “esperanto brasileiro”. Uma língua “colorida e fictícia, feita de todos os modismos e do vocabulário de todos os linguajares particulares de todas as localidades do Brasil”. O autor construiu a “antecipação mítica” de uma língua do futuro, “prosa de livre tom poético, mas de poesia, intrincada, sarapintada e de barbaria transcendente.”

### 3 IDENTIDADE E NACIONALISMO EM JOSÉ DE ALENCAR E MÁRIO DE ANDRADE

Uma figura de suma importância para construção da nação brasileira foi o índio. Representante do ser humano mais puro e idealizado, ele chega a ser comparado com heróis medievais. Além da personagem, a forma como retrata a flora e fauna brasileira também chamam atenção, uma caracterização fiel aos escritos mais antigos como a Carta de Pero Vaz de Caminha, porém, diferente desse documento, que rebaixa a figura humana, as obras alencarinas exageram quando se fala do indígena.

Nesse sentido, José de Alencar é um autor regionalista que durante o indianismo romântico recorre à figura indígena para criar uma literatura nacional que valorize a paisagem e os membros que fizeram parte da construção da pátria. Durante as viagens que fez marcou na memória as características de cada região e principalmente o Nordeste e o estado do Ceará, onde nasceu. No prólogo da primeira edição da obra *Iracema* fala diretamente com o povo cearense, descrevendo costumes, hábitos deste povo tão guerreiro e adorável que recorre a rede depois da hora do almoço para descansar. “Este livro o vai diretamente encontrar em seu pitoresco sítio da várzea, no doce lar, a que povoa a numerosa prole, alegria e esperança” (ALENCAR, 2000, p. 09).

Mesmo o autor estando morando fisicamente no Rio de Janeiro, não esquece de suas raízes. José Claudio Arendt, em seu artigo intitulado *Do romantismo romântico à literatura regional: a região como pátria*, ressalta o triângulo sentimental vivenciada por José de Alencar, a Pátria, Rio de Janeiro e Ceará. Cada um com uma construção diferente.

Ao mesmo tempo, Alencar encontra-se fisicamente estabelecido na cidade do Rio de Janeiro, então centro político e administrativo do império. Forma-se a partir daí, um triângulo sentimental muito interessante, exatamente nesta ordem: a Pátria, o Rio de Janeiro e Ceará [...] (ARENDR, 2010, p. 186).

Ainda no prólogo, o autor Alencar (2000) descreve o clima quente e os efeitos sobre as plantas do sol escaldante, algo muito característico do Nordeste brasileiro: “O sol a pino dardeja raios de fogo sobre as areias natais; as aves emudecem; plantas languem. A natureza sofre a influência da poderosa irradiação tropical, que produz o diamante e o gênio, as duas mais brilhantes expansões do poder criador” (ALENCAR, 2000, p. 09).

O autor relata momentos de sua infância, através das brincadeiras com animais de ossos e os sabores daquela terra como a água de coco e o saboroso creme de buriti.

Os meninos brincam na sombra do outão, com pequenos ossos de reses, que figuram a boiada. Era assim que eu brincava, há quantos anos, em outro sítio, não mui distante do seu. A dona da casa, terna e incansável, manda abrir coco verde, ou prepara o saboroso creme de buriti para refrigerar o esposo, que pouco há recolheu de sua excursão pelo sítio, e agora repousa embalando-se na macia e cômoda rede (ALENCAR, 2000, p. 9).

José de Alencar ressalta que apesar da obra ser escrita na corte, está é cearense, foi imaginada nesta terra, diante do céu cristalino e azul e que agora vaza de um coração repleto de saudades.

O livro é cearense. Foi imaginado aí, na limpidez desse céu de cristalino azul, e depois vazado no coração cheio das recordações vivaces de uma imaginação virgem. Escrevi-o para ser lido lá, na varanda da casa rústica ou na fresca sombra do pomar, ao doce embalo da rede, entre os murmuros do vento que crepita na areia, ou farfalha nas palmas dos coqueiros (p. 09).

Sob esse viés, a obra *Iracema* conta a lenda da criação do Ceará, descrevendo a chegada dos europeus colonizadores às praias nordestinas e a saga dos ameríndios pelo domínio de cada pedacinho de terra, além de destacar a união dos pitiguaras com os franceses para fortalecer seus poderes contra a nação tabajara.

Ao exaltar as belezas da paisagem na obra *Iracema*, José de Alencar recorre às plantas, praias, aves, entre outros; como um ato de descrever o mais próximo possível do real: “Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba” (ALENCAR, 2000, p. 15)

A beleza de Iracema chega a ser comparada a seres da natureza:

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado (p. 16).

José de Alencar a descreve em meio ao sertão do Ceará, comparando a bela índia a uma ema selvagem e destaca a grandeza de sua tribo. “Mais rápida que a ema selvagem, a

morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara” (p. 16).

Até então a virgem está só e em total contato com a natureza, banha-se ao ar livre rodeada apenas de animais silvestres e suas companheiras do dia a dia, não imagina que está sendo observada pelo invasor, que irá mudar completamente o seu destino e o de sua tribo, o estrangeiro colonizador.

Iracema saiu do banho; o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste. Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Igotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo (ALENCAR, 2000, p. 17).

Os colonizadores aprenderam a língua indígena e dela tiraram proveito para impor seus costumes e persuadir através da retórica. Em *Iracema* fica claro essa ação quando Martim a responde através da linguagem indígena, já que ele convive há algum tempo em meio aos pitiguaras, inimigos da tribo tabajara.

A experiência e conhecimentos de um povo sempre estão contidos em uma pessoa predestinada a esta função. No caso dos indígenas, quem orienta a todos e interpreta seus sonhos é o pajé, ser mais importante entre eles. Na obra *Iracema*, tem-se o Araquém, servo de Tupã, como todos outros anciões em suas aldeias, tem na filha Iracema a ligação com o deus. Traz em seu corpo traços da sua experiência como os cabelos compridos e brancos e as rugas profundas, além do costume de sempre estar embalado pelos ritos do ser superior. “O ancião fumava à porta, sentado na esteira da carnaúba, meditando os sagrados ritos de Tupã. O tênue sopro da brisa carneava, como frocos de algodão, os compridos e raros cabelos brancos. De imóvel que estava, sumia a vida nos olhos cavos e nas rugas profundas” (ALENCAR, 2000, p. 18).

Martim, o branco estrangeiro que se perde na mata e encontra Iracema, é um habitante da aldeia dos pitiguaras, porém será recebido na tribo inimiga como herói. Já que o ancião acredita que uma nova raça surgiria, alvos e às margens do Mearim: “As tribos tabajaras, d'além Ibiapaba, falavam de uma raça de guerreiros, alvos como flores de borrasca, e vindos de remota plaga às margens do Mearim. O ancião pensou que fosse um guerreiro semelhante, aquele que pisava os campos nativos” (ALENCAR, 2000, p. 18).

A nativa recebe e acolhe o hóspede com todos os agrados, desde alimento, para matar a fome, até mulheres para satisfazer seus prazeres sexuais. Apesar de Iracema saber que não poderá atender os desejos que sente pelo estrangeiro e ele por ela, continua ao seu lado. Quando o guerreiro da aldeia, Irapuã, descobre, através de um sonho, a presença de um branco na aldeia, e do amor de Iracema por esse, fica furioso e revolve matá-lo para que o amor de Iracema seja somente dele.

É notório que o autor descreve a virgem Iracema como a América antes da colonização e Martim como a imagem do colonizador. A personagem Irapuã e os demais índios que não apoiavam a presença do estrangeiro representam a luta contra esta ameaça tão presente. Pois, tinham em mente toda a maldade que habitava o coração do colonizador, já que os indígenas tinham conhecimento da aproximação destes e a destruição que se aproximava de suas terras. Iracema, um ser puro e intocável não vê o perigo que a rodeia.

O amor de Iracema é tamanho que ela chega a trair sua tribo e revela os segredos do seu povo ao guerreiro Poti, segredos de guerra que acarretaram na derrota dos tabajaras contra os pitiguaras. Durante essa batalha, Iracema é deixada para trás, pelo então esposo Martim, que vai ajudar o amigo Poti, em consequência a índia gestante fica para não presenciar a massacre de seu povo.

Durante uma visita de Poti ao seu avô, que está no leito de morte, o ancião prevê a destruição de seu povo pelos brancos como Martim. “- Tupã quis que estes olhos vissem antes de se apagarem, o gavião branco junto da narceja” (ALENCAR, 2000, p. 60).

O estrangeiro sente saudades de sua pátria e de sua noiva virgem, que deixara a sua espera, e Iracema sente que quando ela morrer, Martim estará livre para voltar a sua amada branca. Porém, com o anúncio da chegada de um fruto de seu amor, este passa a ver a esposa e o filho como sua pátria. E Iracema troca sua pátria pelo amor. Com a partida do esposo para guerra, Iracema sofre e definha de tanto amor e sofrimento, não se alimenta como antes e em meio a tanta dor nasce o filho. “Estreitou-se com a haste da palmeira, a dor lacrou suas entranhas; porém logo o choro infantil inundou sua alma de júbilo” (ALENCAR, 2000, p. 74).

Iracema carrega o filho de seu amor com o estrangeiro Martim, o primeiro mestiço que nasce na terra cearense, Moacir. “- Tu és Moacir, o nascido de meu sofrimento” (ALENCAR, 2000, p. 75).

Só, fraca e sofrendo pela distância, Iracema desfalece à espera do esposo. Quando ele chega é o momento da despedida e entrega do filho ao pai, rodeado de muita dor Iracema falece sabendo que Martim fica livre para volta a sua amada branca. “A triste esposa e mãe soabriu os olhos, ouvindo a voz amada. Com esforço grande, pôde erguer o filho nos braços, e apresentá-lo ao pai, que o olhava extático em seu amor” (ALENCAR, 2000, p. 80).

Após a morte da esposa, Martim parte levando Moacir e seu cachorro fiel, deixando as praias do Ceará. “O primeiro cearense, ainda no berço, emigrava da terra da pátria. Havia aí a predestinação de uma raça?” (ALENCAR, 2000, p. 81). E ao retornar as terras cearenses Martim traz consigo a influência de sua religião “Muitos guerreiros de sua raça acompanhavam o chefe branco, para fundar com ele a mairi dos cristãos. Veio também um sacerdote de sua religião, de negras vestes, para plantar a cruz na terra selvagem” (ALENCAR, 2000, p. 81).

José de Alencar é um autor que prima pela construção da identidade nacional. Na obra *Iracema*, as personagens Iracema e Martim têm identidades diferentes, a índia é uma heroína com um indetitário construído em meio a natureza, aos indígenas, que acreditam nos espíritos da natureza, construídos de acordo com crenças em deuses ligados ao dia-a-dia nas aldeias. Enquanto Martim, é um branco colonizador, um europeu que acredita no catolicismo, com conhecimentos mais ligados com o domínio e as conquistas para engrandecer o individual, não mede as consequências da sua estadia em meio a pessoas puras e detentoras de seus próprios meios de vida, transformando o destino de uma jovem índia e de toda sua aldeia, provocando a morte de um ser de sofrimento à espera de seu amor.

O autor conta uma lenda do Ceará, regionalista, mas com clara presença do ufanismo nacional e assim temos a construção da identidade do brasileiro, um mestiço como Moacir, filho da união de um índio com o branco. Personagem que representa uma parte da construção da pátria, mas que mostra o começo de tudo. Alencar é um construtor que usa a lenda e conhecimentos para a base de uma construção bem maior, explorando uma maior visão da nação e da base indetitária de cada filho do Brasil, pois muitos procuram o estrangeiro e esquecem de suas riquezas e diversidade cultural.

Com outro viés, temos Macunaíma, personagem da obra de mesmo nome, do autor consagrado do Modernismo, Mário de Andrade. Um índio que é uma forma de crítica ao idealismo utilizada no Romantismo, “O herói sem nenhum caráter”, o herói de nossa gente.

Segundo Luís Augusto Fischer (2017), o próprio livro *Macunaíma*, não é só um clássico modernista e sim também um clássico nacional. É uma obra que ao mesmo tempo representa a vanguarda e é um clássico em meio as obras consagradas.

*Macunaíma* é um clássico nacional. Um clássico modernista – e já por isso um livro paradoxal, na medida em que os dois termos só podem conviver de modo tenso. Um livro que ao mesmo tempo representa uma corrente de ousada vanguarda no campo literário e que entrou para o repertório das obras consagradas (ANDRADE, 2017, p. 7).

O autor ainda destaca que a obra *Macunaíma* tem todas características para ser considerado um clássico, desde estar presente nas novas gerações e tendo sempre algo para dizer e como não ressaltar a fama que atribui significação. Além de ser um trabalho que traz o pensamento modernista nascido em São Paulo, unindo o sentimento de nacionalista ao tom irônico, buscando sempre na linguagem novidades, ousadas e transgressões. Algo encarnado pela Semana de 22.

*Macunaíma*, apesar de ser uma obra que teve de enfrentar desafios para se consagrar, caiu no gosto dos brasileiros e até hoje é lida e tida como atual, retomando personagens do folclore nacional, mostra o índio como representação do povo brasileiro em qualquer século com suas crenças, valores, desigualdades sociais e o apego ao estrangeiro.

Fischer (2017) também relata uma curiosidade da obra *Macunaíma*, que foi escrita em poucos dias, mais especificamente entre os dias 16 e 23 de dezembro de 1926, durante umas férias que Mario Andrade passa numa fazenda em Araraquara, interior de São Paulo. Revisto e publicado em julho de 1928, consagrando-se em meio a outras obras importantes como os livros de Oswald de Andrade, a pintura de Anita Malfatti e de Tarsila do Amaral e os ensaios de Paulo Prado. E *Macunaíma* é considerado papel-chave neste momento não tão consagrado dos paulistas.

Escrito num jorro de poucos dias, entre 16 e 23 de dezembro de 1926, numa férias passadas em uma fazenda em Araraquara, interior de São Paulo, depois revisto até a edição em livro, que veio até edição em julho de 1928, *Macunaíma* desde logo precisa ser considerado uma parte decisiva do Modernismo brasileiro, ao lado dos livros de Oswald de Andrade, da pintura de Anita Malfatti e de Tarsila do Amaral, dos ensaios de Paulo Prado. O movimento, protagonizado por artistas basicamente paulistas, de escassa repercussão imediata, de fato seria vencedor, a longo

prazo, sobre o conjunto da cultura letrada brasileira. *Macunaíma* tem nesse processo um papel-chave (ANDRADE, 2017, p. 8).

A obra reúne traços que resumem o momento vivenciado pelos autores na Semana de Arte Moderna, foge aos padrões consagrados e critica atitudes do povo de forma implícita.

Sobre Mário de Andrade, Fischer (2017) recorre a fatos desde seu nascimento em família letrada até a criação e repercussão da obra *Macunaíma*. Ele lembra que o autor era neto de Joaquim de Almeida Leite Moraes, seu avô materno e durante sua carreira como professor e político foi destaque em São Paulo. Mário foi o segundo filho de três, tinha os traços mulatos do pai, ele teve uma experiência traumática ao perder o irmão mais novo que faleceu aos 14 anos de idade.

O autor pertencia a uma família, também, muito ligada a religião católica e até os 20 anos esteve muito ligado à igreja. Apesar de ter estudado Letras e Contabilidade, se especializou em conservatório musical, especificamente em piano. E dando aulas de música se profissionaliza, ao mesmo tempo que desenvolve sua escrita em diversas formas de texto, em críticas para jornais, pesquisas etnomusicológicas, e ainda contos e romances, poesia e teatro.

Mário de Andrade escreve uma obra que nada tinha a ver com a forma de escrever de José de Alencar, conformista e conservadora. *Macunaíma* punha em cena um índio que diferente dos outros reflete uma junção de lendas, centradas num personagem que não é convencional.

Com tantos traços pitorescos, a personagem de Mário de Andrade deixa curiosidades acerca da inspiração para tal obra, tão divertida, crítica e gigante em termo de armazenagem de cultura brasileira. Fischer (2017) relata que o autor recorreu a textos do alemão Theodor Koch-Grünberg, que esteve no Brasil e publicou outros livros resultados de uma viagem ao norte brasileiro e na Venezuela entre os anos de 1911 – 1913. Os indígenas da aldeia Maku são objeto de pesquisas no campo da antropologia, levando uma vida diferente do normal serviu de base perfeitamente da Mário de Andrade escrever a obra.

“Caçadores seminômades, os Maku são avessos à vida sedentária. Vagam no interior da floresta, longe dos rios navegáveis, estabelecendo-se temporariamente em aldeias de difícil acesso”. [...] “Trata-se de um povo que vive um duplo ritmo: o da aglomeração das aldeias e o da dispersão na floresta”. Ao contrário de parentes próximos etnicamente, como os



Tukano, os Maku são vistos como gente inconfiável, a começar pelo fato de preferirem se casar “entre habitantes das mesmas aldeias em vez de procurarem mulheres nas aldeias vizinhas”. Tão diversos são de outras tribos os grupos, que não hesitam em roubar mandioca de roças alheias, parece que mais para expressar insatisfação do que fome (ANDRADE, 2017, p.16-17).

Ao retratar a diversidade cultural brasileira, *Macunaíma* recorre a todo local do Brasil, incorporando lendas, casos, frases da sabedoria popular e adivinhas totalmente diferente de outros romances.

A obra retrata do nascimento ao percurso de Macunaíma e seus irmãos até a cidade de São Paulo, depois da morte da mãe da personagem principal e antagonista da história, ocasionada, sem intenção, por ele. Macunaíma é um índio que nasce negro e durante a viagem torna-se branco, ele é rejeitado pela mãe desde o nascimento e com suas traquinagens acaba cada vez mais aumentando este desprezo. O herói mantém relação sexual com as namoradas do irmão, ocasionando cenas engraçadas e ao mesmo tempo absurdas já que de início ele é apenas uma criança.

Quando chegam na cidade, a personagem continua com o mesmo hábito de manter relação sexuais com várias mulheres, mas não deixa nenhum herdeiro mesmo que tenha nascido um, já que ele não sobreviveu. Assim podemos contatar que o motivo de Macunaíma não ter herdeiros, seja o fato de que suas características seriam passadas de geração em geração.

Na obra é notório a importância da figura feminina já que com a morte de mulheres importantes na sua vida, Macunaíma é cada vez mais atraído à cidade de São Paulo, primeiro a mãe depois o falecimento da mãe de seu único filho, Ci a “Mãe do mato”. Outro traço que difere muito do herói tradicional, que geralmente é visto pela mulher como seu protetor mais importante, na obra a personagem depende muito da figura feminina.

O herói tem um nascimento simbólico, no meio do mato, lembrando que é indígena, um ser e feio e preto, por essa última característica o narrador diz que ele é filho do medo da noite, já que não existe a figura paterna. A índia tapanhumas foi quem o pariu e deu o nome de Macunaíma, “maku”= mau e o aumentativo “ima”.

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói da nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram Macunaíma (ANDRADE, 2017, p. 27).

Macunaíma muito preguiço passou seis anos sem falar e depois de tomar água de chocalho a primeira frase que diz é “Aí que preguiça!”, algo que retoma como o índio era descrito pelos colonizadores para justificar o extermínio de povos durante a colonização, escondendo a tentativa de libertação desses. Mas como um representante do Brasil não podia faltar a malandragem, ele só não tinha preguiça quando se falava em dinheiro.

Para além da questão econômica, a prática sexual em *Macunaíma* tem muito de característica da prática pagã da antiguidade, principalmente pelos deuses gregos. As relações de Hermes e Macunaíma engloba os ideais de bem e mal com características amorais, algo que não se enquadra no modelo parcial.

Almeida (2008) tece comentários sobre a obra *Macunaíma*, em análise minuciosa em que ela deixa clara a intenção da obra em transmitir um mito através da ficcionalização: “Em *Macunaíma*, temos o trabalho da elaboração do ficcional a partir da transmissão mítica, que por sua vez é ficcionalizada no romance” (ALMEIDA, 2008, p. 91).

A autora continua a destacar a questão do mito no romance *Macunaíma*, comparando até mesmo a um conto de fadas, a narrativa de Mário de Andrade é simples e que o herói passa por peripécias e aventuras a procura do amuleto, “terminada a função a companheiro de Macunaíma, toda enfeitada ainda, tirou do colar uma muiraquitã famosa, deu-a pro companheiro e subiu pro céu por um cipó” (ANDRADE, 2017, p. 50). Algo que engrandece os mitos, os heróis passarem por diversos obstáculos para mostrar sua bravura e conquistarem o que desejam, este é um momento claro de representação do herói medieval recuperada no modernismo.

Outro traço mítico presente a obra é o individualismo, mesmo com as demais características nada heroicas, Macunaíma é um personagem individualista, está sempre procurando algo de seu desejo. “[...] ao mesmo tempo em que temos esse elemento difuso, pré-lógico, irracional e atemporal, podemos observar, por outro lado, o elemento individualizante de Macunaíma, separando-o de um ideal de coletividade que é fundamental na estruturação mítica” (ALMEIDA, 2008, p. 95).

Macunaíma é uma personagem indecisa que passa por diversas transformações durante o romance, uma hibridização, a união de traços do homem ligado a selva e da cidade, o primitivo e o moderno. Convive em meio ao choque de colonizado e colonizador, o herói possui diversas identidades que vão surgindo durante a narrativa, caracterizada por metamorfoses. Fica evidente que é um personagem que representa o homem brasileiro.

O romance mostra um personagem mítico que se encanta por objetos do exterior. Procura uma consagração do primitivo, mas inveja o estrangeiro, ao ver o gigante Piaimã colecionando pedras, Macunaíma decide colecionar palavras feias. Como o destacado na análise de Almeida:

[...] Macunaíma atualiza o mito, mas, ao mesmo tempo, encanta-se com objetos comerciais do exterior. Procura uma genuína consagração do primitivo e, ao mesmo tempo, inveja o estrangeiro gigante Piaimã, pois, ao vê-lo colecionar pedras, decide fazer uma coleção de palavras feias, que reúne em todas as falas vivas e até nas línguas grega e latina, demonstrando o universalismo do herói (ALMEIDA, 2008, p. 98).

Almeida (2008) realiza um apanhado dos traços da mimética em *Macunaíma*, destacando que a personagem nem tem uma visão europeia, nem primitiva, mas mestiça. Um ser que demonstra na linguagem que oscilação entre o que seria, para ele, o primitivo e o civilizado.

Nesse sentido, a autora faz uma análise na obra da obra, agora na visão da inverossimilhança, já que ele escreve cartas para as amazonas de forma passadista. Um jogo ficcional praticado por Mário de Andrade, através do embricamento com a crítica à linguagem passadista, um processo de modernização em que o Brasil é visto como paraíso. Na carta, Macunaíma demonstra desencanto com o progresso, contrário ao discurso ufanista. O que justifica o apego com os objetos estrangeiros.

A inverossimilhança aparente em *Macunaíma* é o fato de ele ser um primitivo escrevendo uma carta para as amazonas num estilo passadista. É a partir do jogo ficcional proposto por Mário de Andrade, através desse imbricamento, que ele critica a linguagem passadista, o processo de modernização e o Brasil visto como paraíso, a terra sem males. Macunaíma em sua carta, denota um desencanto com o progresso, sendo contrário ao discurso ufanista. Por isso, o seu desejo de retorno, nós, mas que, por outro lado, mostra seu apego a objetos estrangeiros, levando-os consigo ao Uraricoera (ALMEIDA, 2008, p. 101).

Há um embate forte entre mito e ideologia que está no fato de mesmo Macunaíma estar em meio a cidade de São de Paulo recorda suas raízes míticas.

Em *Macunaíma*, ocorre o fenômeno da quebra da identidade nacional que acontece quando é estabelecida a relação entre o imaginário mítico e a tecnologia. Este fato acaba desencadeando um processo de hibridização entre dois discursos: ocorre o apagamento das

fronteiras entre mito e tecnologia e o primitivo e o civilizado. Almeida (2008) acrescenta ainda o orgânico e o inorgânico:

Um importante fator que quebra com a construção da identidade nacional, em Macunaíma, é a relação entre o imaginário mítico e o tecnológico. A partir disso, temos um processo de hibridização, em que dois discursos se polarizam: o tempo da imaginação da máquina, que se mesclam, com o apagamento das fronteiras entre o mito e a tecnologia, o orgânico e o inorgânico, o primitivo e o civilizado (ALMEIDA, 2008, p. 102).

Macunaíma acaba encantando-se pela civilização urbana, transformando em mitologia as coisas do mundo urbano. Encantado pelo estrangeiro, acaba levando para sua terra objetos da civilização.

Há uma grande diferença no valor das coisas na visão de Macunaíma, em São Paulo ele vê objetos da tecnologia que requerem valores mercantis para serem adquiridos, enquanto o amuleto tem valor sentimental, sagrado e mítico. Macunaíma é um ser alienado diante das máquinas da grande cidade e para ele, elas não têm nenhum valor. Assim, nota-se que as construções apresentadas em momentos distintos da literatura nacional corroboram para a representação discrepante do nacional e da figura heroica brasileira, que ao passo que destoam, constroem aspectos divergentes de uma visão tupiniquim.

#### 4 A CONSTRUÇÃO DA FIGURA IDENTITÁRIA E NACIONAL EM *IRACEMA* E *MACUNAÍMA*

Segundo Bosi (1992), nas obras alencarinas o índio era íntimo do colonizador como nos exemplos de *Iracema* e *Peri*. Apesar de não mostrar o processo de colonização em si, com uma colônia que se emancipava e a metrópole enrijecida em um velho império. Em meio a esse cenário o índio assume o seu papel no imaginário pós-colonial, de rebelde.

O autor destaca ainda que nas obras de *Peri* e *Iracema*, existe a entrega do índio ao colonizador, de corpo e alma sem temer o que possa acontecer com o povo. Uma partida sem volta, caracterizando os finais trágicos.

“Nas histórias de *Peri* e de *Iracema* a entrega do índio ao branco é incondicional, faz-se de corpo e alma, implicando sacrifício e abandono da sua pertença a tribo. Uma partida sem retorno” (BOSI, 1992, p. 178-179).

Assim, os personagens heroicos nas obras de Alencar não temem o sofrimento ou a morte, representando uma ação que está no destino de ser devoto ao homem branco. Nas obras indianistas de José de Alencar, a imagem do índio belo, forte e livre está lado a lado com a imagem amenizada do colonizador, algo que difere da real ocupação dos portugueses no primeiro século. O que para Bosi (1992) coloca interrogações com relação ao verdadeiro sentimento patriota do autor.

Ainda em Bosi (1992), os mitos presentes nas obras alencarinas reúnem imagens comuns da imagem do herói, o colonizador como generoso e o colonizado como súdito, fiel e bom selvagem. A figura do índio ainda traz o mito através de uma semântica analógica, em um processo figural, expressão romanesca e imagem poética. Além disso, o autor ainda tentando descobrir nas obras indianistas de José de Alencar a violência durante a colonização, observa que em uma passagem de *Ubirajara*, o autor traz uma poetização da vida indígena anterior aos colonizadores. “[...] a nota sugere uma leitura da colonização portuguesa como um feito de violência. Defendendo os tupis da pecha de traidores com que ao infamaram alguns cronistas, assim lhes rebate Alencar” (BOSI, 1992, p. 180).

Silva (2010) em seu ensaio intitulado *Iracema, Macunaíma e Viva o Povo Brasileiro*: discurso literário e (des)construção da identidade brasileira; diz que na tentativa de equilibrar a literatura brasileira à estética europeia, criou-se um indianismo sem passado histórico e com a Idade Média como referência. E quando se fala em José de Alencar, ela define o seu projeto como ambicioso, tratando de suas obras que pegam lendas e contam as

histórias que cercam o Brasil como: o gaúcho, o sertanejo, o índio, o bandeirante. E apropria-se principalmente da figura do índio e transforma em símbolo nacional.

De acordo com Silva (2010), em *Iracema*, José de Alencar utiliza o amor como chave para desencadear a construção da identidade brasileira, o que também pode ser considerado uma problemática, já que o encontro entre indígenas e colonizador foi marcado por violência. Mais uma vez é levantada a questão do amenizar a imagem do colonizador em *Iracema*, quando da união da indígena com o colonizador branco nasce a identidade nacional.

Outra problemática ressaltada por Silva (2010) está no comportamento de Poti e Iracema diante de Martim. Pois, Poti abandona a própria tribo para defender o amigo e acontece a entrega de Iracema ao amado. O que deixa transparecer o índio como um ardiloso e que precisa ser dominado.

Outro aspecto problemático é o comportamento de Iracema e Poti com relação a Martim. Ambos são extremamente dedicados a ele, chegando Iracema a abandonar a sua tribo para seguir ao seu lado e Poti, para proteger o guerreiro branco, priva-se de permanecer na própria tribo. Iracema chega a se entregar a Martim sem que ele saiba, uma vez que ele estava sob o efeito da bebida de tupã (SILVA, 2010, p. 7).

Na obra *Iracema*, o brasileiro é construído como um ser submisso ao colonizador, que depende dele até mesmo para sobreviver. Com o nascimento da personagem Moacir fica claro essa intenção, pois ele precisou de uma figura estrangeiro para que acontecesse seu surgimento, e o falecimento de Iracema de saudades pelo esposo Martim também é um fator que demonstra a necessidade deste para sobreviver.

Em *Macunaíma* temos a mistificação, já que o brasileiro não é só a junção do indígena com o europeu e sim tem-se uma terceira raça, o negro. Mário de Andrade exalta sua nação sem deixar de fora sua cultura, o respeito às crenças africanas. E assim acontece a construção de um povo que não valoriza o que é seu e sim o estrangeiro.

Mário de Andrade faz uma crítica ao índio romântico, que é idealizado de forma exagerada como um herói puro, belo, corajoso e um astuto líder. Já Macunaíma era feio, obcecado por sexo, individualista e que só queria se dar bem, não importava o mau que causasse.

Em *Iracema* os elementos da cultura brasileira que são exaltados estão mais ligados a beleza da natureza, as praias, os pássaros, as plantas e o próprio índio. Já em *Macunaíma* encontramos mais elementos da cultura brasileira, como personagens do folclore brasileiro,

comidas típicas, lendas, linguagem, credences, bichos e plantas; conduzindo a obra a descrição da diversidade presente em cada região e que formam assim, de forma irônica, o Brasil como um todo.

De modo que é possível avaliar as construções da identidade do Romantismo que buscava exaltar as características do índio enquanto herói nacional, na figura de Iracema por várias vezes seja quando ela se torna uma guerreira ou ainda enquanto resiste aos sofrimentos causado pelo abandono ou até a chegada de seu esposo para poder dar um destino ao seu filho, construindo dessa forma um herói nacional idealizado, longe da realidade mais na perspectiva de uma nação baseada no índio como o ser principal, o herói. Em contrapartida Mário de Andrade desenha um índio que foge às características do Romantismo, uma vez que a característica do Modernismo é a desconstrução dessa utopia indígena e constrói Macunaíma diferentemente de Iracema, Macunaíma como já foi evidenciado é mostrado como um que nada se assemelha ao herói romântico ou herói clássico, porque não tem condutas desta natureza, os elementos que são construídos a partir dele focam muito mais na perspectiva de um anti-herói, mas que figura como reflexo de nosso povo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa proporcionou a compreensão da construção da figura indígena nas obras *Iracema* e *Macunaíma* com relação a identidade e ao nacional. Pois, em *Iracema* os personagens possuem sua identidade construída no convívio em meio aos ambientes no qual transita, seus costumes e conhecimentos adquiridos de geração em geração. Já em *Macunaíma*, o indígena representa o mestiço fruto da união do índio com o europeu e o africano. Sem caráter nenhum, resultado da construção identitária partindo da floresta como um índio negro e transformando-se num branco no decorrer do trajeto que faz para São Paulo.

Ao destacar a influência do Romantismo na criação de uma identidade nacional foi perceptível, na obra *Iracema*, o desejo de valorizar a nação. Uma terra que não era mais colônia de Portugal e que agora passaria a criar sua própria literatura, não deixando de fora a exaltação da natureza, dos costumes e crenças de um povo que nunca precisou do estrangeiro para se desenvolver e sim o estrangeiro precisou dele para enriquecer.

No último momento temos um nacionalismo não tão ufanista quanto o primeiro, mas pode-se considerar que aconteceu sim uma retomada crítica da pátria da idealização presente no movimento anterior.

As obras *Iracema* e *Macunaíma* têm a intenção de exaltar uma nação que sofreu com a colonização e que até hoje não se recuperou totalmente desta doença. Apesar de tantos acontecidos tristes temos um povo que lutou por liberdade desde o início e continua lutando que é o índio, primeiro habitante destas terras que hoje conhecemos por Brasil. Uma figura de suma importância na construção nacional não poderia faltar nas obras literárias principalmente quando se fala da construção da identidade nacional. É interessante ver como o mesmo assunto é tratado de forma diferente por diferentes autores, já que os mesmos têm ideologias e visões diferentes, mas que não deixam de falar e compactuarem com a ideia de uma literatura nossa. Esta pesquisa teve como foco as obras já citadas e o que tenho a acrescentar é que na primeira a construção do índio retoma a pureza de um povo edalizado, com crenças próprias, conhecimentos que passam por gerações. Na segunda obra, temos um índio que passou pela fase da colonização e que continua sofrendo a influência do estrangeiro, é um ser mestiço e nos representa como brasileiros.

A pesquisa partiu da seguinte hipótese: a construção de uma personagem em obra literária depende muito do contexto vivenciado pelo autor e também da ideologia



defendida pela corrente na qual o escritor se insere. No caso de *Iracema*, a personagem é construída durante a fase do Romantismo, em que o índio é idealizado e a nação é aclamada. Totalmente adverso ao indianismo retomado em *Macunaíma*, uma personagem do Modernismo na qual seu autor procura criticar a idealização do índio, trazendo na personagem principal uma criatura que representa tudo o que uma nação pode ter de vergonhoso.

O questionamento que tanto nos inquietava era entender como a construção do nacionalismo e da identidade como um todo, agem como veias que ligam e inter-relacionam dois movimentos literários que ocorrem em momentos diferentes, principalmente nas obras *Iracema* e *Macunaíma* que a pesar de José de Alencar e Mário de Andrade terem o desejo de retomar acontecimentos importantes para construção nacional, como um todo e formas diferentes de tratarem a construção da identidade nacional nas personagens *Iracema* e *Macunaíma*. Algo que chegou claramente a uma conclusão através das pesquisas e discursões levantadas.

Para tanto, cunhou-se tal pesquisa sob a perspectiva bibliográfica, tendo como base autores que já fazem críticas sobre a identidade nacional como Castello (2004), Coutinho (2004) e Candido (2012) entre outros de igual importância.

As circunscrições estão presentes em todos trabalhos que envolvem pesquisas e não seria diferente nesse. Sendo assim, elencamos os trajetos nos quais percorremos na tentativa de darmos respostas tanto aos objetivos quanto a situação problema.

Primeiro realizar uma comparação entre duas obras que foram escritas em períodos que são semelhantes em alguns aspectos e divergem em outros não é algo fácil, já que tivemos que levantar os conceitos que ambas as escolas literárias trabalham com relação a construção da identidade nacional.

Segundo fazer uma análise de como cada obra traz a construção da identidade nacional nos personagens, principalmente no indígena. Assim, concluímos que as obras *Iracema* e *Macunaíma* são muito ricas em termos de valorização do nacional e que uma pesquisa nesta dimensão ainda não é suficiente para abranger ambas como todo.

Recomendamos para interessados em realizar pesquisas sobre identidade e nacionalismo que adentrem e valorizem ainda mais a diversidade que há na construção da identidade nacional brasileira, destacando como o nosso país é multicultural.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **Iracema**. 36. ed. São Paulo: Editora ática. 2000
- ALENCAR, José de. **Como e porque sou romancista**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- ALMEIDA, Alexandra Vieira de. **Literatura, mito e identidade nacional**. São Paulo: Ômega Editora, 2008.
- ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 12. ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012.
- CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira: origens e unidades**. 1. ed., v. I, 1. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004a.
- CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira: origens e unidade**. 1. ed., v. II, 1. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004b.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 7. rev. e atual. São Paulo: Global, 2004.
- HELENA, Lucia. **Modernismo brasileiro e vanguarda**. 2. ed. Editora ática, 1995.
- RÊGO, Florita. **Mito e identidade: a índia e a mestiça em Marabá**. Recife: Ed. Nova Presença, 2004.
- ARENDETT, José Claudio. Do Nacionalismo Romântico à Literatura Regional: a região como pátria. **Revista\_28.indd 176** , p. 175-194, jun./2010. Disponível em: [revistaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/164](http://revistaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/164). Acesso em: 13 out. 2019.
- SILVA, Karin Hallana S. Iracema, Macunaíma e viva o povo brasileiro: discurso literário e (des)construção da identidade brasileira. **Revista Garrafa**, v. 8, n. 23, p. 1-23, 2010. Disponível em: [revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/7363](http://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/7363). Acesso: 14 out. 2019

## REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

JOBIM, José Luís. O movimento modernista como memórias de Mário de Andrade.

**Revista IEB**. São Paulo, n. 55, p. 13-26, 2012. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/53894>. Acesso em: 14 nov. 2019.

JÚNIOR, Sidney Oliveira Pires. Nacionalismo e Projeto Nacional em Mário de Andrade.

**Revista de Teoria da História**, Ano 5, n. 10, dez/2013 - Universidade Federal de Goiás.

Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28283>. Acesso: 03 nov. 2019.

MARTINS, Cláudia Mentz. **As metamorfoses em Macunaíma**: re(formulação) da

identidade nacional. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, Jan./Jun. 2006. Disponível

em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/4853> Acesso em: 8 nov. 2019.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O tupi e o alaúde**: uma interpretação de Macunaíma. ed. 34.

São Paulo: Duas Cidades, 2003. Disponível em:

<https://desilusoes.files.wordpress.com/2011/04/gilda-de-mello-e-souza-o-tupi-e-o-alac3bade-pdf-rev.pdf> Acesso em : 6 nov. 2019.